

ATÉ QUANDO, MOÇAMBIQUE?

ATÍLIO MUHAI



MAPUTO, 2025

atiliomuhai@gmail.com

(+258) 847332243

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
GRITOS DE UM POVO ABANDONADO	2
REPRESSÃO E SILÊNCIO: O CUSTO DA LUTA POR JUSTIÇA	4
ELEIÇÕES OU ILUSÃO? O PAÍS EM CHAMAS	6
FUGA EM MASSA: REFLEXO DO CAOS NACIONAL.....	8
ENTRE A REVOLTA E A DESTRUIÇÃO: O FUTURO DE MOÇAMBIQUE EM JOGO.....	10

INTRODUÇÃO

Moçambique atravessa um momento de grande turbulência, onde o sofrimento do seu povo ecoa nas ruas, nas instituições e nas vidas que se veem à mercê da violência, da repressão e da negligência do Estado. A pergunta que ressoa em cada canto do país é: "**Até quando?**" Até quando o povo moçambicano suportará a dor dos sequestrados, a falta de recursos nos hospitais, a escassez de oportunidades para os jovens e a indignação com a corrupção e a má governança? A resposta parece distante, enquanto a nação continua a ser devastada por um ciclo vicioso de caos e impunidade. As recentes manifestações e tragédias, desde o massacre pós-eleitoral até as fugas em massa de reclusos, ilustram um país à beira do colapso. O grito do povo, sufocado pela repressão, é o reflexo de um sistema falido, onde a justiça é uma promessa distante, e as necessidades básicas se tornam um luxo. Moçambique merece mais: um futuro onde a dignidade humana seja respeitada, onde os direitos sejam garantidos e a paz finalmente se estabeleça. Mas até quando o povo resistirá? Até quando o silêncio será mais ensurdecedor do que as vozes clamando por mudança? Esta é a reflexão que surge diante de uma nação que, apesar de sua resiliência, está à beira de um precipício.

GRITOS DE UM POVO ABANDONADO

Era um dia comum, o sol brilhava no céu como em qualquer outra manhã. As ruas estavam movimentadas, crianças a caminho da escola, pais seguindo suas rotinas, comerciantes abrindo suas bancas. Mas, de repente, o som ensurdecedor de pneus a ranger, gritos de desespero e o pânico no ar. Mais um sequestro à luz do dia. Mais uma pessoa arrastada para o desconhecido, mais uma família despedaçada pela dor e pelo medo. E, como sempre, a polícia? Silenciosa. Os raptos? Desaparecidos, como sombras que se dissipam no ar. Até quando, Moçambique? Até quando assistiremos a esse teatro de horror, onde os criminosos parecem sempre estar um passo à frente e os inocentes, sempre um passo para trás?

Nos hospitais, a situação é ainda mais angustiante. Salas lotadas, pacientes agonizando, e os medicamentos? Simplesmente inexitem. Os médicos fazem milagres, mas não são deuses. Como salvar vidas quando o básico lhes falta? Enquanto isso, os profissionais da saúde, os professores, os policiais – aqueles que deveriam ser pilares da sociedade – continuam sem receber seus salários a tempo. Trabalham com dedicação, mas o reconhecimento? Esse parece uma ilusão distante. E os subsídios, que poderiam aliviar um pouco o fardo de tantos trabalhadores, também são apenas promessas não cumpridas.

E as crianças? Ah, as crianças. Nosso futuro, dizem. Mas que futuro lhes espera quando estudam debaixo de árvores, sem carteiras, sem livros? A educação, que deveria ser o grande motor de transformação, é deixada à mercê do imprevisto. Como se espera que um país se desenvolva, que uma geração sonhe com um amanhã melhor, quando o hoje é marcado por tanta precariedade?

Enquanto isso, os jovens, sem emprego, perambulam pelas ruas, enfrentando uma realidade desoladora. Em um país onde a sexta básica é mais cara que o álcool, muitos escolhem a bebida para esquecer, mesmo que temporariamente, o fardo que carregam. A juventude, que deveria ser o símbolo de esperança e inovação, encontra-se distraída, afogada nas promessas não cumpridas de uma economia que não gera oportunidades.

Até quando, Moçambique? Até quando veremos assassinatos de pessoas indefesas sem que os culpados sejam encontrados? Até quando toleraremos um sistema que parece cego, surdo e mudo

às dores do seu próprio povo? Quantas vidas mais serão perdidas, quantos sonhos destruídos, quantas promessas não cumpridas?

Moçambique merece mais. Merece um futuro onde os raptos e assassinos não andem livremente, onde os trabalhadores sejam respeitados e pagos dignamente, onde as crianças tenham salas de aula e livros, onde os jovens tenham emprego e esperança. Chegou a hora de exigir mudanças. De questionar, de cobrar. Porque, no fim das contas, a pergunta persiste: até quando?

REPRESSÃO E SILÊNCIO: O CUSTO DA LUTA POR JUSTIÇA

Desde o início dos protestos em Moçambique, em 21 de Outubro, mais de 88 pessoas perderam a vida, e 274 ficaram feridas. Esses números assustadores não são meras estatísticas; representam famílias devastadas e uma nação em sofrimento. A violência e a repressão têm se tornado características marcantes de um país que clama por justiça e mudança.

É profundamente lamentável observar as autoridades moçambicanas focarem suas acusações no candidato eleitoral Venâncio Mondlane, responsabilizando-o pelas manifestações e até iniciando processos legais contra ele. Tal postura revela uma estratégia de desviar a atenção das causas reais dos protestos, que incluem a insatisfação generalizada com a má governança, desigualdades sociais e a falta de oportunidades. Enquanto isso, a actuação violenta das forças policiais, que resultou em dezenas de mortes, segue sem uma investigação adequada ou a responsabilização dos agentes envolvidos. Isso nos leva a uma pergunta crucial: **quem está realmente por trás dessa onda de assassinatos e repressão?**

As vidas perdidas não podem ser reduzidas a meros danos colaterais. É necessário cobrar respostas e justiça, especialmente quando membros das forças policiais — que deveriam proteger os cidadãos — são apontados como autores de acções violentas. No entanto, o silêncio das autoridades sobre os abusos cometidos por seus próprios agentes é um reflexo do autoritarismo e da impunidade que dominam o cenário político do país.

Na minha análise, estamos enfrentando um regime liderado por figuras ditatoriais e insensíveis ao sofrimento do povo. Esses líderes, ao invés de buscar soluções para os problemas que afligem a população, recorrem à repressão brutal para silenciar vozes discordantes. O resultado é um ciclo vicioso de violência que apenas aprofunda a crise humanitária e política.

Outro aspecto alarmante é a postura da comunidade internacional diante da crise em Moçambique. Países e organizações que deveriam intervir para evitar a perda de vidas humanas permanecem indiferentes. Quando se trata de garantir acesso aos recursos naturais moçambicanos — como gás natural, carvão e outros minerais valiosos —, essas mesmas nações são as primeiras a agir, mostrando sua verdadeira prioridade: a exploração económica. Para elas,

o sofrimento do povo moçambicano parece ser secundário ou até mesmo conveniente, pois reduz o número de pessoas que poderiam resistir a seus interesses.

Essa indiferença da comunidade internacional reflecte uma realidade global: a vida humana nos países em desenvolvimento muitas vezes é desvalorizada em comparação aos interesses económicos das grandes potências. O povo moçambicano, enfrentando uma combinação de repressão interna e exploração externa, se encontra em uma posição de extrema vulnerabilidade.

Contudo, é preciso lembrar que a luta por justiça e dignidade é contínua. A história nos mostra que regimes autoritários e exploradores não duram para sempre. A resistência popular e a solidariedade internacional têm o poder de transformar cenários de opressão. Mas isso exige coragem, organização e apoio de todas as partes interessadas no progresso de Moçambique.

A pergunta, porém, ainda ressoa: **até quando Moçambique permanecerá mergulhado nessa onda de violência, opressão e negligência?** Até quando famílias continuarão a chorar a perda de seus entes queridos enquanto os verdadeiros responsáveis seguem impunes? Até quando o mundo fechará os olhos para as injustiças em solo moçambicano?

É chegada a hora de todos — cidadãos, organizações e a comunidade internacional — assumirem suas responsabilidades. A justiça não virá espontaneamente; ela precisa ser conquistada por meio de acções colectivas e pressão constante sobre aqueles que detêm o poder. Moçambique merece um futuro onde vidas sejam respeitadas, direitos sejam garantidos e a dignidade do povo seja finalmente restaurada.

ELEIÇÕES OU ILUSÃO? O PAÍS EM CHAMAS

Os resultados das eleições de 9 de Outubro de 2024 foram finalmente divulgados no dia 23 de Dezembro. O Conselho Constitucional (CC) reconheceu a FRELIMO e seu candidato Daniel Francisco Chapo como os grandes vencedores. Mas o que deveria ser um momento de celebração e orgulho cívico transformou-se em uma sucessão de caos, violência e destruição.

Desde o instante em que os resultados foram anunciados, uma onda de manifestações e saques tomou conta de Moçambique, pintando um cenário desolador. Esquadras de polícia em chamas, portagens destruídas, edifícios públicos e privados vandalizados. Um rastro de descontentamento que expõe, com brutalidade, as tensões que fervilham sob a superfície do país.

Alguns dos episódios mais marcantes dessa crise incluem:

- A destruição de importantes infraestruturas como as portagens da Matola Gare e Cumbeza, e a vandalização de estabelecimentos comerciais e bancários, como o Millennium de Choupal e o BCI do Benfica.
- Escolas incendiadas, entre elas a Escola de Bernardino Rafael e o Complexo Escolar Margarida Talapa, em Nampula.
- Edifícios administrativos, como o Posto Administrativo de Mathemele e o Tribunal de Kamaxaquene, reduzidos a cinzas.
- A devastadora perda de bens públicos, como os novos carros da saúde e o Armazém Nacional de Medicamentos.

Os relatos que chegam de todo o país são alarmantes. De Nampula a Tete, de Cabo Delgado à Beira, há uma lista infindável de actos de destruição: esquadras de polícia, postos administrativos, locomotivas, até mesmo casas de membros do partido vencedor foram alvos da população enfurecida. Em Namacurra, quase todo o aparato governamental foi destruído, incluindo a residência do administrador, o tribunal, e a sede do partido FRELIMO. Uma devastação sem precedentes.

Em meio a esse caos, uma questão paira no ar como um espectro inquietante: por que não há comemorações? Onde está a maioria que supostamente garantiu a vitória da FRELIMO? Se é

verdade que a maioria escolheu o partido vencedor, por que se refugiar no silêncio e no medo? Por que as ruas são dominadas por uma minoria revoltada, em vez de uma celebração nacional? Essas perguntas ecoam nas mentes de muitos moçambicanos, aumentando a sensação de que algo está profundamente errado.

O que está em jogo é muito mais do que os resultados de uma eleição. É a própria alma de um país, rasgada entre a esperança e o desespero, entre a promessa de um futuro melhor e a realidade de um presente marcado pela violência e desconfiança. Até quando Moçambique suportará esse peso? Até quando o silêncio daqueles que deveriam celebrar será tão ensurdecedor quanto os gritos de revolta nas ruas? Até quando?

A história está sendo escrita, e as respostas a essas perguntas determinarão o rumo de uma nação. Enquanto isso, o país aguarda, dividido entre as cinzas do que foi destruído e as chamas do que ainda pode renascer.

FUGA EM MASSA: REFLEXO DO CAOS NACIONAL

Na manhã sufocante de 25 de Dezembro, enquanto o mundo celebrava o Natal, Moçambique acordou com a dolorosa notícia: cerca de 1500 reclusos haviam fugido da Cadeia Central de Maputo, uma prisão conhecida pela máxima segurança, um bastião de ferro e concreto que, de repente, parecia feito de papel. O que era para ser um dia de paz tornou-se um cenário de caos e luto. Pelo menos 33 vidas foram ceifadas, e 15 ficaram feridas em uma rebelião que desafia toda explicação. Como chegamos aqui? Até quando, Moçambique?

A fuga não foi apenas um evento de choque e horror, mas um reflexo de profundas fissuras em uma sociedade que luta contra suas próprias sombras. Populares gravaram vídeos de dezenas de reclusos correndo desesperados pelos bairros vizinhos, enquanto militares vasculhavam casas à procura de respostas. O comandante-geral da polícia, Bernardino Rafael, anunciou a recaptura de 150 fugitivos. Contudo, as imagens nas redes sociais contam uma história triste, mais sombria. Há reclusos espancados, humilhados, tratados como se a prisão fosse um purgatório sem retorno. Alguns foram mortos à bala. Quem disparou? Por quê? O silêncio ecoa mais alto do que as respostas que nunca chegam.

Diz-se que a justiça é cega, mas em Moçambique, às vezes, ela também é surda e muda. Como é possível que reclusos tenham aberto celas de máxima segurança sem ajuda externa? Alguém manipula os fios por trás das cortinas, e a fuga não parece um acto espontâneo, mas uma jogada calculada. O objectivo? Desviar a atenção, alimentar o caos e culpar manifestantes que clamam por direitos. Mas direitos de quem, afinal? Dos que fogem ou dos que ficam presos no círculo vicioso da opressão?

Na história de Moçambique, o Massacre de Mueda em 1960 permanece como um marco de lágrimas e sangue. Ali, o povo se ergueu contra o jugo colonial, e a resposta foi brutal. O evento galvanizou a luta pela independência, liderada pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Hoje, um novo massacre acontece, mas desta vez, é entre irmãos. O que é mais doloroso do que ver filhos da mesma terra se virando contra si? Não é apenas a bala que mata, mas também a indiferença, a desumanização e a incapacidade de reconhecer o outro como humano.

Os familiares dos reclusos vivem agora o maior dos tormentos: a incerteza. Onde estão seus filhos, seus pais, seus irmãos? Foram capturados, feridos ou mortos? A dor não escolhe lados. Estes reclusos, sim, cometeram crimes. Mas isso não os priva do direito à vida e a um tratamento digno. Não há justificação para transformar pessoas em coisas, para reduzir humanos à condição de descartáveis. É triste, é desumano, é revoltante.

O grito que ecoa é de desespero: até quando, Moçambique? Até quando permitiremos que a história se repita, não como lição, mas como tragédia? É hora de olhar no espelho como nação e enfrentar as questões que evitamos: qual é o preço da indiferença? Onde está o limite para a violência justificada? Ninguém se salva sozinho, e um país que não protege os seus é um país que se afunda em suas próprias falhas.

O povo moçambicano já mostrou ser resiliente. Mas a resistência precisa ser acompanhada de acção, de justiça verdadeira, de mudanças estruturais. Não basta lamentar. É necessário agir. Somente assim, os gritos de dor serão substituídos por cantos de esperança. E talvez, um dia, possamos responder: não mais. Não mais dor. Não mais massacre. Não mais silêncio.

ENTRE A REVOLTA E A DESTRUÇÃO: O FUTURO DE MOÇAMBIQUE EM JOGO

Em Moçambique, os direitos à greve e à manifestação são garantidos pela Constituição da República, que consagra a liberdade de reunião e de manifestação, permitindo que os cidadãos expressem pacificamente suas demandas. Contudo, a realidade é marcada por uma distância abissal entre o que está escrito e o que é vivido nas ruas do país. Apesar das garantias constitucionais, episódios de repressão violenta e desrespeito aos direitos humanos têm se tornado frequentes. A recente repressão dos protestos pós-eleitorais, em novembro de 2024, que resultou em mortes e centenas de detenções, é uma mancha que evidencia as fragilidades democráticas da nação.

Moçambique vive hoje um dos momentos mais tensos de sua história recente. O caos pós-eleitoral é alimentado por manifestações violentas, que causam danos materiais, paralisam actividades económicas e mergulham a população em um estado constante de alerta. O epicentro foi o resultado das eleições gerais de 9 de Outubro, validadas pelo Conselho Constitucional, que declarou a vitória de Daniel Chapo, candidato da Frelimo. Entretanto, essas manifestações transcendem as tensões políticas; elas reflectem um grito de desespero de uma sociedade marcada por profundas desigualdades económicas e sociais.

Desde a validação dos resultados eleitorais, cenários de destruição têm se repetido em quase todo o país. Grandes centros comerciais foram saqueados, mercadorias destruídas, e o comércio formal e informal colapsou. Jovens e mulheres, movidos pela necessidade ou pelo oportunismo, lideraram os saques, deixando mercados desabastecidos e comerciantes à beira da ruína. A interrupção do comércio é um golpe directo na subsistência de milhares de famílias que dependem do trabalho diário para sobreviver. A quem interessa esse ciclo de destruição?

A busca por culpados tornou-se uma disputa vazia. Uns apontam o dedo à oposição, alegando que ela incentiva os protestos. Outros acusam o governo, cuja gestão autoritária é vista como catalisadora do descontentamento. E ainda há os que culpam os chamados "vândalos", esquecendo que, muitas vezes, esses actores são fruto de um sistema que lhes negou oportunidades.

Mas a verdadeira questão não é identificar culpados, e sim buscar soluções. A cada dia de paralisação, o país se afunda mais em uma crise que pode se tornar irreversível. A escassez de mantimentos é um fantasma que paira sobre as cidades e vilas. Quando a fome se instala, a violência se intensifica, e o caos social se torna ainda mais difícil de controlar.

O que falta é liderança. Uma liderança que compreenda as raízes da crise e que actue para reconstruir a confiança entre o Estado e os cidadãos. Moçambique precisa de um governo que priorize o diálogo e o bem-estar do povo. É fundamental estabelecer canais efectivos de negociação e implementar medidas de emergência para aliviar o sofrimento da população.

A pergunta que ecoa em cada esquina, em cada mercado vazio, em cada família devastada pela crise é: até quando Moçambique? Até quando seremos reféns de uma história que parece não ter fim? A resposta está em nós, como nação, em rompermos o ciclo de violência e desigualdade que nos prende. É tempo de escolher o caminho da paz, da justiça e da reconciliação.